

CASLE – 8 agosto de 2014

LÍNGUA ESPANHOLA

RESPOSTAS ESPERADAS

1. O autor cita duas obras de Shakespeare: “Hamlet” e “Júlio César” com o objetivo de compará-las ao jogo de futebol (Brasil X Holanda), ocorrido em 12 de julho de 2014, para mostrar a dramaticidade, o sofrimento e a tristeza dos personagens, ou jogadores brasileiros, envolvidos. O título “*Shakespeare no estádio/gramado*” sugere a comparação que é estabelecida ao longo dos quatro parágrafos do texto ao citar explicitamente o nome do autor. No primeiro parágrafo, aparece a referência à obra “Hamlet”: “*Pero el de hoy más que triste fue patético. Patético como una puesta en escena de "Hamlet" representada por payasos o por actores de telenovela mexicana, valga la sutileza: miraditas e índices apuntando al cielo, lagrimones incluso antes de empezar el castigo, quise decir, el partido, si es que hay alguna diferencia*”. No terceiro parágrafo, menciona-se a obra “Júlio César” no qual compara-se os dois personagens: o imperador romano e o goleiro da seleção brasileira: “*Como en el “Julio César” de Shakespeare todo parecía volverse contra Brasil, hasta los árbitros, tan benévolo a inicios de campeonato se ensañaron contra el once brasileño. “¿Tú también, Bruto?” decía el otro Julio César, el portero de Brasil mientras sacaba balones del fondo de su portería como quien se hurga una puñalada en pecho propio. Y no era para menos: había recibido casi tantos goles en los últimos dos partidos como cuchilladas el aspirante a emperador romano*”. No quarto parágrafo compara-se outro personagem dessa obra Brutus ao árbitro do jogo: “*O los destellos de Wijnaldum, un centrocampista de 23 años que ayer para despedirse contento hasta se marcó un gol frente al cual ni Julio César ni Bruto, (el árbitro, ustedes me entienden) pudieron hacer nada.*”

2. Alternativa D (Valor: 2,0)

3. Tradução (Valor: 6,0)

Terceiro Parágrafo:

Como em “Júlio César” de Shakespeare tudo parecia voltar-se/estar contra o Brasil, até os árbitros, tão benevolentes no início do campeonato se enfureceram contra o décimo primeiro jogador brasileiro Júlio César. “Até tu, Brutus?” dizia o outro Júlio César, o goleiro do Brasil enquanto tirava as bolas do fundo de seu gol como quem remexe uma punhalada no próprio peito. E não era para menos: havia/tinha recebido quase tantos gols nos últimos dois jogos como punhaladas/facadas ao aspirante a imperador romano. E ainda por cima, pouco tempo depois, entrava

mais outro gol, desta vez com um impedimento que o bandeirinha tampouco viu. Porém ninguém estava incomodado/aborrecido/chateado com os encarregados de fazer essa simulação de justiça que são os cartões coloridos/amarelo e vermelho e os *offsides*/impedimentos perante a certeza de que não pelo fato de serem ilegais, os gols holandeses eram menos justos/mercedose ainda por cima ofereciam o consolo de ter alguém a quem culpar que não usasse a camiseta verde amarela.

Quarto parágrafo

O consolo para os espectadores foi ver os 90 minutos mais de Robben, possivelmente seus últimos em um Mundial nos quais brilhou tão rápido e deslumbrante como se fossem os primeiros. Ou o brilho de Wijnaldum, um meio-campista de 23 anos que ontem para despedir-se contente até marcou um gol diante do qual nem Júlio César nem Brutus, (o árbitro, se é que vocês me entendem) pudessem fazer alguma coisa. Ao contrário, a única decisão correta que o árbitro tomou em/durante toda a tarde foi apitar o final do jogo e com ele o suplício de uma nação que verá a final desde a melhor posição que ocupou durante todo o Mundial: as arquibancadas.